

CRENÇAS QUE DESENCADEIAM ATTITUDES DESFAVORÁVEIS À MANUTENÇÃO DA LÍNGUA UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ

pg 151-161

Edina Smaha¹

Loremi Loregian-Penkal²

Resumo

No município de Prudentópolis, Paraná, encontra-se a maior comunidade de descendentes de ucranianos do Brasil. Sob a ótica da Sociolinguística e dos estudos sobre Crenças e Atitudes, buscamos, neste artigo, analisar e refletir acerca das crenças que se construíram no decorrer do tempo em torno da língua ucraniana falada no município, a saber, (i) de que se trata de uma língua interiorana; (ii) de que essa variedade seja uma versão inferior à variedade padrão falada na Ucrânia, (iii) de que o “português errado” seja uma consequência do bilinguismo e, finalmente, (iv) de que o bilinguismo seja um problema nacional. Essas crenças desencadearam atitudes negativas como o preconceito, a exclusão, a discriminação e propiciaram uma atmosfera desfavorável à manutenção da língua ucraniana no referido município.

Palavras-chave: Língua ucraniana em Prudentópolis. Crenças e atitudes linguísticas. Estereótipos.

BELIEFS THAT LEAD TO UNFAVORABLE ATTITUDES TOWARD THE MAINTENANCE OF THE UKRAINIAN LANGUAGE IN PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ

Abstract

The municipality of Prudentópolis - Paraná, is considered the largest community of Ukrainians descendants in Brazil. From the perspective of Sociolinguistics and the studies on Beliefs and Attitudes, we seek, in this article, to analyze and reflect on the beliefs that have been constructed in the course of time towards the Ukrainian language spoken in the municipality, namely: (i) that the Ukrainian language is an rural language; (ii) that it is an inferior version of the standard variety spoken in Ukraine, (iii) that “bad Portuguese” is a consequence of bilingualism, and (iv) that bilingualism is a national problem. These beliefs triggered negative attitudes such as prejudice, exclusion, discrimination, and provided an unfavorable atmosphere for the preservation of the Ukrainian language in the municipality.

Keywords: Ukrainian language in Prudentópolis. Language beliefs and attitudes. Stereotypes.

1 Mestra em Letras, pelo PPGL, Unicentro. E-mail: edinasmaha@yahoo.com.br

2 Doutora em Letras, pela Universidade Federal do Paraná. E-mail loremi.loregian@gmail.com

Introdução

A Sociolinguística ocupa-se da investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social, em situações reais de uso, tendo em vista que “não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal” (COELHO *et al.* 2010, p. 22).

Para a Sociolinguística, de acordo com Martelotta (2012), “a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (p. 141). Labov (1972, p. 21) afirma que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”.

Este trabalho se desenvolve em um cenário que possui como pano de fundo a imigração ucraniana – o município de Prudentópolis. Localizado na região sudeste do Paraná, é o lar da maior comunidade de descendentes de ucranianos do Brasil. Frequentemente aludido como “a pequena Ucrânia no Brasil”, mas também marcado pela presença de vários outros grupos étnicos e pela coexistência de diversas línguas como o polonês, o italiano, o alemão, o árabe, entre outras, pode ser descrito como um espaço linguisticamente complexo.

Visto que a língua é um fenômeno social e está estreitamente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade, Corbari (2012) aponta que é comum que quem a utiliza, sendo falante de uma ou várias línguas, formule opiniões e reaja sobre sua própria língua e também sobre a dos outros, pois “É a língua que simboliza os limites que separam nós e os outros, uma vez que a língua que falamos identifica nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos” (CORBARI, 2012, p. 115).

É das “opiniões e reações” de um indivíduo em relação à sua e a outras variedades linguísticas

que se ocupa o estudo das Crenças e Atitudes Linguísticas, cuja importância, segundo Moreno Fernandez (1998), reside no fato de que elas,

[...] influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticos que se produzem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

Desta forma, a partir da conjuntura histórica da imigração ucraniana, buscamos, neste trabalho, analisar, sob a ótica da Sociolinguística e dos estudos acerca das Crenças e Atitudes Linguísticas, algumas crenças e estereótipos historicamente constituídos em torno da variedade da língua ucraniana falada em Prudentópolis, que desencadearam atitudes desfavoráveis à sua manutenção.

As crenças e atitudes linguísticas

A palavra “crença”, segundo Silva (2007), é originária do latim medieval “*credentia*”, que vem do verbo “*credere*”, ou seja - crer. É um termo utilizado, segundo Botassini (2013), por diversas áreas do conhecimento como a Filosofia, Teologia, História, Psicologia, Educação, Sociologia, Linguística, Sociolinguística, dentre outras, por isso, os pesquisadores reconhecem consensualmente a dificuldade de se chegar a uma conceituação categórica a seu respeito.

A definição de Crenças apresentada por Barcelos (2006, p 18-20) sintetiza o trabalho de autores como: Kajala (1995), Barcelos (2000, 2001, 2003, 2004, 2006); Richardson (1996); Borg, (2003), entre outros. Para a autora:

Crenças são uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p. 18).

O conceito de crença está intimamente ligado ao conceito de estereótipo. De acordo com Hamilton *et al.* (1992, p. 108), “os estereótipos são estruturas cognitivas que contêm crenças sobre grupos e seus membros”. Botassini (2013) com base em Labov (2008) conceitua estereótipos como “formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (p. 360). Para a autora, este rótulo “está pautado nos julgamentos sobre as pessoas, nas crenças que o indivíduo carrega a respeito de um traço linguístico, nos conhecimentos sobre um grupo e sua cultura, nos preconceitos em relação à língua e aos falantes dessa língua” (p. 67).

As crenças que adquirimos ao longo da nossa existência são, em grande proporção, reguladoras dos nossos comportamentos, ações e atitudes. Por outro lado, como aponta Rossa (2017), nem sempre manifestamos ou convertemos nossas crenças em atitudes. Além disso, também é possível que adotemos certas atitudes contrárias, que não correspondem às crenças que temos de fato. Pastoreli (2011, p. 24) ressalta que, “ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, elas revelam uma tomada de posição do sujeito, ou seja, as relações que o sujeito possui com o meio social em que está inserido”.

De acordo com Aguilera (2014), os primeiros estudos sobre crenças e atitudes linguísticas ocorreram na área da psicologia social nos anos 60, tendo como precursores os psicólogos sociais William e Wallace Lambert. Os autores definem atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente,

a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (LAMBERT e LAMBERT, 1966, p. 78).

Para Moreno Fernandez (1998) a atitude linguística também é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, “distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]” (p. 179). O autor concebe as atitudes linguísticas como um espelho das atitudes psicossociais em direção a um determinado grupo ou usuário de determinada língua ou variedade. Se as línguas possuem significados sociais é natural que sejam avaliadas de acordo com os *status* e as características de seus usuários. Por esta razão “não é fácil delimitar onde a atitude em relação a uma variedade linguística começa e onde a atitude em relação ao grupo social ou ao usuário dessa variedade termina” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 178-179). Cyranka (2007) apresenta a seguinte distinção entre os termos crenças e atitudes,

Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza.[...] Já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chegue-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas, ou seja, as nossas crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas (SANTOS, 1996, *apud* CYRANKA, 2007, p. 22).

A partir de crenças e atitudes dos falantes é possível constatar a preferência, aceitação ou a recusa de determinada variante ou de uma língua. Neste sentido, como aponta Trudgill (2000), algumas línguas, dialetos e sotaques são considerados bonitos, corretos, puros. À variedade considerada padrão é atribuído mais *status* e prestígio enquanto outras variedades são frequentemente tidas como erradas, feias ou desleixadas, algum tipo de desvio da norma. Na maioria dos casos, se sobressaem as

línguas ou as variedades de maior prestígio social, enquanto as que não detêm tal prestígio tendem a ser abandonadas.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, além do aporte teórico, foram utilizados recortes de um questionário Sociolinguístico aplicado em Prudentópolis no segundo semestre do ano de 2018. O propósito da aplicação do questionário foi coletar dados para a dissertação de mestrado intitulada “Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos com relação à língua.

As crenças e atitudes linguísticas em Prudentópolis

O projeto “A língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis” (SMAHA, 2018) conta com a participação de 40 informantes descendentes de ucranianos - 20 do sexo masculino e 20 do feminino, residentes nas zonas rural e urbana do município. Além disso, ainda utilizamos dados de entrevistas Sociolinguísticas realizadas com idosos descendentes de ucranianos, disponíveis no banco de dados VARLINFÉ³.

A partir desse apanhado acerca dos conceitos teóricos apresentados, dirigimos o foco do trabalho mais especificamente para as questões voltadas às crenças e atitudes que cercam a língua ucraniana na cidade de Prudentópolis.

A Associação da língua ucraniana falada em Prudentópolis com a zona rural

Segundo burko (1963), a primeira leva de imigrantes ucranianos chegou ao núcleo de Prudentópolis em 1896, motivada pelas condições

3 Variação Linguística de Fala Eslava. É um banco de dados linguísticos coordenado por pesquisadores da UNICENTRO, campus de Irati, Paraná.

precárias em que vivia sob o domínio do Império Austro-húngaro, e constituiu-se de cerca de 1.500 famílias. Mais tarde, em 1905, somaram-se mais 250 famílias.

Respondendo aos interesses do governo brasileiro, a maioria dos imigrantes desta etnia, permaneceu nas comunidades rurais, dedicando-se ao trabalho na lavoura. O sistema com que as terras foram distribuídas resultou no contato restrito com outros grupos étnicos e favoreceu a formação de certa homogenia populacional, oportunizando, por um longo período, a retenção cultural e linguística visível até hoje, principalmente na zona rural. De acordo com Horbachuk (1989),

A falta de assistência governamental permitiu que houvesse um retardamento da assimilação do grupo conservando padrões culturais até hoje perceptíveis, por outro lado, a colônia foi economicamente prejudicada, não havendo acúmulo de riquezas nem prosperidade almejada (p. 43).

Desta forma, o fato de a língua ucraniana ter resistido com maior vigor na zona rural e ser mais comumente utilizada por este grupo social menos prestigiado provocou manifestações de preconceito em relação à língua e seus falantes. Ainda hoje existe, embora em menor intensidade, o estereótipo de que ser falante de língua ucraniana seja sinônimo de ser “colono”.

Encontramos, em vários depoimentos dos falantes de língua ucraniana, relatos dessa percepção, bem como de experiências negativas vivenciadas por eles. Um dos informantes, por exemplo, afirma que,

(01) [...] há algum tempo atrás os ucranianos sofriam preconceito das pessoas “da cidade” sendo tachadas de “ucraínos⁴” como se fossem inferiores (Informante 36ZUF⁵).

4 O termo “ucraíno” é um adjetivo de conotação pejorativa para referir-se à pessoa de origem ucraniana.

5 ZUF = Informante do sexo feminino, residente na zona urbana.

Outra informante relata que, durante a sua estadia temporária na cidade de Curitiba, foi vítima de preconceito, motivado principalmente pela sua maneira de pronunciar o “r”⁶ quando falava português. Para ela, esse foi um período de sofrimento. A informante acredita que o a rejeição a sua maneira de falar se dava não só pelo fato de ela ser descendente de ucranianos, mas por ser uma descendente vinda do interior. Esta situação fez com que ela não quisesse mais frequentar a escola até que, a pedido de seu tio, a diretora a transferiu de sala, amenizando o ocorrido.

O preconceito linguístico, segundo Botassini (2013),

refere-se à atitude negativa frente a determinado grupo linguístico sem razão aparente. Normalmente está voltado a grupos linguísticos que detêm pouco ou nenhum prestígio social, a minorias linguísticas, a grupos linguísticos que representam falares diferentes do falar daquele que avalia preconceituosamente o outro (BOTASSINI, 2013, p. 66).

Situações como as descritas afloraram crenças e atitudes negativas não só do outro, mas também dos próprios falantes em relação à língua ucraniana falada em Prudentópolis. Uma vez que sua língua passou a ser associada com o atraso rural, seu uso começou a declinar.

A crença dos próprios falantes acerca da inferioridade da Língua Ucraniano-brasileira

Além do desprestígio da língua ucraniana estar ligada à implicação de que ela seja uma língua “interiorana”, existe também a concepção de que ela seja uma versão deteriorada da língua *standard*, falada atualmente na Ucrânia. Isso se

⁶ Por vezes, os descendentes de ucranianos apresentam dificuldade em estabelecer oposições entre os fonemas /r/ e /x/, tepe (ou flepe) alveolar e fricativa velar, respectivamente, que existem no português brasileiro, como em - caro e carro. A não percepção dessa diferença fonética gera, com frequência, atitudes preconceituosas com relação ao falante.

deve, principalmente, ao fato de que os primeiros grupos de ucranianos que vieram ao Brasil, no final do século XIX e início do século XX, trouxeram um dialeto típico das regiões ocidentais da Galícia e Bukovyna. Essa variedade continha muita influência das línguas faladas nos países vizinhos como o polonês, romeno e também o alemão, uma vez que esses territórios estavam sob o domínio da Austro-Hungria.

Horbachuk (1989 p. 123) afirma que “a língua que os imigrantes trouxeram para o Brasil estava muito distante da língua literária e sofreu grande transformação no decorrer do tempo nos lugares onde eles se estabeleceram”. Devido à distância considerável e à falta de contato com o país de origem, o ucraniano no Brasil, além de todas as interferências já citadas, foi sendo fortemente influenciado pela língua portuguesa em diferentes níveis linguísticos.

As diferenças lexicais, por exemplo, surgiram desde os primeiros momentos em que os ucranianos chegaram ao Brasil devido à necessidade de nomear os elementos desconhecidos encontrados em seu novo meio. Ocorreu logo no início falta de vocabulário que teve de ser “reabastecido” de alguma maneira. Um dos fenômenos mais comuns foi o empréstimo de vocábulos em língua portuguesa acomodados à estrutura da língua ucraniana, já que estavam diretamente relacionados à realidade brasileira. Podemos verificar vários exemplos desses empréstimos nas entrevistas realizadas com informantes idosos no interior do município de Prudentópolis, disponíveis nos arquivos do VARLINFÉ. Os exemplos nos mostram que o informante não encontra vocábulos em língua ucraniana para as palavras aposentadoria, cilindro e forninho, já que elas não faziam parte do repertório linguístico dos imigrantes.

(02) Entrevistador: *Vý chasto do mista yizdyty?*
(O senhor vai à cidade com frequência?).

Informante: *My yizdemo shchomisyatsya bo my vzhbe vidberayemo aposentadoriyu. (Vamos todo mês, pois já recebemos a aposentadoria). (Informante 35ZRF)⁷.*

(07) O ucraniano da Ucrânia é o verdadeiro ucraniano. O nosso não é tão original (Informante 12ZRF).

(03) Entrevistador: *A dali khlil pechety u pyetsu? (Vocês ainda assam o pão no forno?). Informante: Nie. Teper vse Joana peche tutkaivo. Vona cilindruiei tude peche u forninovi. (Não. Agora a Joana assa aqui (na cozinha). Ela cilindra e depois assa no forninho). (Informante 37ZRF).*

Sushinskaya (2010) afirma que, no estágio atual, a língua falada pelos ucranianos brasileiros, nos níveis estrutural e semântico, é um organismo complexo e heterogêneo. Limitada quase exclusivamente ao uso doméstico, no ambiente de língua portuguesa, enfraqueceu significativamente com relação ao léxico, que não se constitui como vocabulário diário ativo. Embora os descendentes estudem a língua dos seus antepassados, eles vivem, estudam e trabalham em um ambiente no qual a língua portuguesa é primária, o que não contribui para uma reserva lexical significativa de língua ucraniana.

Essas diferenças que se construíram ao longo do tempo fomentam a crença de que a língua ucraniana falada em Prudentópolis é uma variedade inferior quando comparada à falada na Ucrânia, como podemos observar no discurso dos informantes:

(04) O nosso ucraniano sofreu alterações em sua estrutura, já o ucraniano da Ucrânia manteve-se mais intacto. (Informante 35ZUF).

(05) O ucraniano falado em Prudentópolis é uma linguagem mais coloquial enquanto na Ucrânia é utilizada uma linguagem mais culta. (Informante 38ZUF).

(06) É diferente o jeito de falar, o sotaque é bem diferente. Aqui nós misturamos ucraniano e português. Lá falamos certinho. (Informante 11ZRF).

As afirmações contidas em 04 a 07 acima demonstram que existe um entendimento de que a língua ucraniana seja um construto mais puro, evoluído e uniforme, enquanto a falada em Prudentópolis seria sua versão mais estagnada e corrompida, que ficou, como aparece nas falas dos demais informantes, “parada no tempo”, “não evoluiu como a da Ucrânia”, e “perdeu parte de sua originalidade desde a vinda dos imigrantes”. É bastante comum ouvir as pessoas dizendo que “aqui no Brasil nós falamos tudo errado”.

Esse seria mais um motivo que fomenta atitudes de desinteresse na aprendizagem e na manutenção da língua ucraniana em Prudentópolis.

A crença do “bem falar”

Além das crenças e atitudes negativas com relação à língua ucraniana, os descendentes ainda são alvo de preconceito linguístico por conta dos traços da língua ucraniana perceptíveis na sua fala, quando utilizam a língua portuguesa. É comum ouvir avaliações feitas pelos próprios falantes, como: “não falamos nem português nem ucraniano direito” e relatos de situações de deboche por parte dos não descendentes, principalmente em relação à pronúncia.

Ao tratar do preconceito e da intolerância linguística com relação às línguas de imigração, Bueno (2006), baseando-se em Barros (2004), afirma que o preconceito e a intolerância linguística no contexto brasileiro ocorrem de forma externa – em relação a determinados idiomas estrangeiros, e interna – em relação às variantes desprestigiadas da língua portuguesa.

O autor considera que o preconceito e a intolerância com relação aos estrangeiros e as línguas por eles faladas podem ser provocados a

⁷ ZRF = Informante do sexo feminino, residente na zona rural.

partir do conceito de normas linguísticas e língua padrão, que implicam na desconsideração de outras variedades e produzem no imaginário social uma aproximação ou até equivalência da norma padrão à língua nacional. Esta, por sua vez, tem a função de criar um sentido idealizado de unidade, homogeneidade e identidade coletiva que permeia o senso comum da sociedade.

Bueno (2006) enfatiza que nem todos os imigrantes que chegaram ao Brasil no século passado tiveram a chance de aprender a norma padrão, como foi o caso dos ucranianos, os quais vieram com o intuito de trabalhar na terra e não tiveram acesso ao ensino formal em língua portuguesa. Além disso, o autor destaca que a maioria ocupava uma posição inferior no comércio ou na agricultura e, por essas razões, “de certa forma, também contribuíram para a formação de uma norma menos privilegiada da língua portuguesa” (BUENO, 2006, p. 40).

Assim, juntamente com a crença de que em Prudentópolis se fala “ucraniano errado” está a crença de que os descendentes falam “português errado”. Vários informantes relatam que sofreram preconceito, *bullying* ou foram motivos de deboche por serem falantes de língua ucraniana e pelos rastros por ela deixados na língua portuguesa.

(08) No passado tinha vergonha da língua ucraniana, acredito que quem falava ucraniano aqui em Prudentópolis sofria um certo “bullying”, muitos falavam que a língua era feia, tinha um sotaque feio [...]. (Informante 25ZUM)⁸.

A informante 38ZUF menciona que nasceu no interior do município e aprendeu a língua ucraniana antes mesmo do português. Quando passou a residir na cidade, aos 10 anos, se sentia rejeitada por seus colegas na escola por não conseguir se comunicar adequadamente em português.

(09) Para nós era difícil falar a língua portuguesa assim como os falantes que a tem como primeira língua. (Informante 38ZUF).

⁸ ZUM = Informante do sexo masculino, residente na zona urbana.

Outras duas informantes relatam que o grande problema sempre foi a pronúncia do “r”. A informante 36ZUF conta que seus colegas riam dela por causa do “r” até que um dia a professora interrompeu sua leitura e questionou se mais alguém da turma falava alguma outra língua. Diante da resposta negativa, a professora lhe deu os parabéns, pois ela apresentava uma pronúncia distinta justamente porque falava mais de um idioma e não deveria se envergonhar disso.

De acordo com Calvet (2002), a noção de fala certa e errada gera a insegurança linguística, que é um fato bastante presente na fala das pessoas. Segundo o autor,

Fala-se de segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados no seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma. Ao contrário, há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam (CALVET, 2002, p. 72).

Uma das consequências da insegurança linguística é a hipercorreção, que é uma maneira exagerada de absorver as formas de falar de prestígio por aqueles que não as detêm. Muitos descendentes de ucranianos, ao falarem português, recorrem a essas estratégias justamente para mascarar as influências da língua ucraniana na sua fala.

A crença do bilinguismo como problema nacional

Para Oliveira (2000), ser brasileiro e falar português são concepções consideradas sinônimas, o que não corresponde à realidade, pois no Brasil de hoje são falados cerca de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (p. 01). Entretanto, o tratamento dado a línguas minoritárias caracteriza-se pela falta de ações e políticas adequadas e camufla a existência de toda essa diversidade.

Bueno (2006), com base em Oliveira (2000), afirma que a unificação do idioma e sua imposição têm dois objetivos: o primeiro deles é o de criar um país uniforme, o que dissimula ou encobre as diferenças e as tensões sociais, culturais, linguísticas e étnicas constitutivas de qualquer sociedade. O segundo está ligado ao conceito de nacionalidade, que constrói os limites entre os grupos estrangeiros e a sociedade supostamente detentora dessa nacionalidade homogênea e uniforme. A presença de estrangeiros, segundo o autor, pode ser encarada como uma ameaça, pelo seu potencial de interferir nessa homogeneidade artificialmente construída de uma nação, já que são portadores de valores simbólicos ligados a outras sociedades e países.

De acordo com Marochi (2006), as duas Grandes Guerras Mundiais impactaram diretamente as línguas das comunidades de imigrantes e influenciaram a solidificação do português como língua única e oficial no país. Após o término da primeira Guerra Mundial, embasadas no ideário nacionalista, várias leis nacionais e estaduais foram fundadas com intuito de regulamentar o ensino no país, como o “Código de Ensino de 1917”, que tornava obrigatório o ensino da língua portuguesa em todas as instituições particulares do curso primário ou secundário, fossem elas nacionais ou estrangeiras no estado do Paraná. O governo considerava a necessidade “abrasileirar” os imigrantes e “isso se faria por meio do ensino fundamental, cujos conteúdos os instruíam não apenas para o uso do idioma português, como também para o culto dos valores cívicos da nação a quem passariam a servir”. (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1993, p. 47, *apud* RENK, 2008, p. 04).

Segundo Seyferth (1982), com o golpe de Estado de 1937, a situação se agravou mais ainda, levando à extinção das escolas estrangeiras em 1938 por meio do Decreto Federal nº 406 de 04 de maio conhecido como “Lei da Nacionalização.” O objetivo do programa de ação do governo Vargas era “erradicar

as influências estrangeiras atuantes, principalmente nos três Estados do Sul e inculcar nas populações de origem europeia o sentimento de brasilidade”. (SEYFERTH, 1982, *apud* RENK, 2008, p. 08).

O quadro se intensificou por consequência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o Brasil se posicionou contra os países do Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. De acordo com Oliveira (2000), o Estado Novo marca o ponto alto da repressão às línguas alóctones, especialmente do alemão e do italiano na região colonial de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul onde, através do conceito jurídico de “crime idiomático”, instituído pelo Estado Novo, atingiu sua maior dimensão. Durante esse período, segundo o autor,

o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas, instaurando uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas (...). Essas línguas perderam sua forma escrita e seu lugar nas cidades, passando seus falantes a usá-las apenas oralmente e cada vez mais na zona rural, em âmbitos comunicacionais cada vez menos extensos. (OLIVEIRA, 2000, p. 04).

No que concerne à língua ucraniana, Boruszenko (1995) relata que com a proibição do uso das línguas de imigração a partir do Estado Novo, várias escolas e clubes literários onde se praticava a língua ucraniana foram fechados e a continuidade do ensino ficou a cargo da família. Os livros das bibliotecas existentes foram distribuídos entre os seus sócios, para que fossem protegidos de eventuais confiscos e pudessem ser utilizados em suas casas. Para a autora, a política nacionalista do Estado Novo não logrou seus objetivos. Apesar dos decretos por parte do Estado, as escolas de imigrantes encontravam maneiras de resistir principalmente por conta do isolamento da maioria das comunidades onde a vigilância não se fazia tão presente e dos esforços organizações religiosas.

De qualquer maneira, uma das principais consequências da obrigatoriedade do ensino do português nas escolas foi uma tentativa de silenciamento das línguas minoritárias e a imposição do português como língua única, legítima, símbolo da nacionalidade brasileira. Os reflexos dessas políticas se estendem até os dias de hoje. Para todos os quarenta informantes da pesquisa, o ucraniano foi a primeira língua que eles aprenderam e falaram antes de frequentar a escola. A partir de então ela foi gradativamente sendo substituída pela língua portuguesa. Desta forma, a natureza monolíngue das escolas anulou a heterogeneidade cultural e tirou-lhes as condições e o direito de expandirem os conhecimentos, que adquiriram de maneira natural no seio de suas famílias, por meio da educação formal.

É principalmente na escola que os alunos começam a perceber a desvalorização da sua língua materna. É onde começam a sofrer preconceito, passam a ter vergonha de utilizá-la e a abandonam aos poucos. Em muitos casos, os julgamentos vêm dos próprios professores. As crenças envolvidas no processo de ensino da língua majoritária e a falta de preparo para lidar com situações multilíngues e de diversidade em sala de aula constroem a noção de que o bilinguismo na escola é um problema. O que sustenta o preconceito linguístico, de acordo com Bagno (2007), é justamente a ideia de que a língua é imutável, pronta, acabada e de que existe uma forma melhor e mais correta, que é aquela pautada nas regras prescritivas: “Qualquer manifestação linguística que escape do triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente” (BAGNO, 2007, p. 40).

Uma conduta escolar excludente, típica do cenário prudentopolitano, fragiliza o apreço do aluno por sua língua materna, desvaloriza sua identidade linguística e motiva ainda mais o preconceito e os estereótipos em relação à

língua ucraniana e ao português falados pelos descendentes de imigrantes.

Considerações finais

Diversas são as razões que podem levar à substituição e ao desaparecimento de uma língua minoritária. Ogliari (1999) considera que os fatores primários que favoreceram a penetração da língua portuguesa nas comunidades ucranianas foram o “status” do português, a comercialização e a escola pública.

Nas palavras da pesquisadora,

Uma vez estabelecida como a língua oficial do Brasil, a língua portuguesa assume, na comunidade de fala ucraniana de Prudentópolis, a função de ser, de início, a língua do comércio, seguida pela imposição de ser a língua da educação. O “status” de língua oficial permitiu e possibilitou sua penetração na comunidade de fala em estudo, através dos órgãos de comunicação, além da obrigatoriedade de ser a língua a usar nos contextos oficiais e formais da comunidade (OGLIARI, 1999, p 169).

Além disso, a autora ainda cita outros fatores como o tempo, as sanções aplicadas ao uso e ao ensino de línguas estrangeiras, os casamentos exogâmicos, o êxodo rural, a desintegração da organização religiosa local, a presença massiva da mídia e, nesta, o uso do português.

Entretanto, além dos elementos citados, as crenças e atitudes linguísticas figuram como fator crucial para a perda ou a manutenção de uma língua minoritária. Neste trabalho, buscamos refletir acerca de crenças e estereótipos que se construíram e se impregnaram com o passar do tempo em torno da língua ucraniana no município de Prudentópolis, Paraná: a crença de que a língua ucraniana é uma língua interiorana; de que se trata de uma versão inferior à variedade padrão falada na Ucrânia, de que o “português errado” seja uma consequência do bilinguismo e, finalmente, a crença de que o bilinguismo seja um problema nacional.

A não aceitação da diferença é, segundo Alkmim (2008), “responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceitolinguístico tem um efeito particularmente negativo” (ALKMIM, 2008, p. 42). Como vimos ao longo do texto, essa não aceitação torna-se fonte de crenças negativas, que desencadearam estereótipos e atitudes discriminatórias, deixando à mostra uma série de manifestações de rejeição, preconceito e intolerância linguística que, somados a outros fatores, aumentaram o desprestígio e desfavoreceram a manutenção da língua ucraniana naquele local.

Referências

- AGUILERA, V. de A.; SILVA, H.C. *O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas*. Alfa, São Paulo, vol. 58, n.3, p.703-723, 2014.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARCELOS, A. *Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas*. In: BARCELOS, A. M.F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas: Pontes, 2006.
- BOTASSINI, J. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. 228 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Setor de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.
- BUENO, A. M. *Intolerância linguística e imigração*. 184 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Semiótica e linguística geral. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- BURKO, V. *A Imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba: Cobrag, 1963.
- CALVET, L.J. *Sociolinguística, uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- COELHO, I.L.; GORSKI, E.M.; MAY, G.H.; SOUZA, C.M.N. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CORBARI, C.C. *Crenças e Atitudes Linguísticas de Falantes de Irati (PR)*. Signum: Estud. Ling. n. 15/1, p. 11-127, Londrina: 2012.
- CYRANKA, L. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG*. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- СУШИНСЬКА, Ірина. *Українська Мова У Бразилійській Діаспорі: Стан І Статус*. In: Розділ VII. Особливості говорів української мови та проблеми соціолінгвістики. Лінгвістичні Студії. Збірник наукових праць. Випуск 20 - Літературне місто, 2010. Disponível em: http://litmisto.org.ua/?page_id=8764. Acesso: 21/02/2019.
- HAMILTON, D. L. at al. *Stereotypes and language use*. In G. R. Semin & K. Fiedler (Eds.), *Language, interaction and social cognition* (pp. 102-128). Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc. 1992.
- HORBATIUK, P. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto, 1989.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MAROCHI, M.A. *Imigrantes 1870-1950: Os Europeus em São José dos Pinhais*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.
- MARTELOTTA, M.E. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- OGLIARI, M. *As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto Sociolinguístico brasileiro*. 489 f. Tese. (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina,

Florianópolis, 1999.

OLIVEIRA, L.L. *O Brasil dos Imigrantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2000.

OLIVEIRA, G. M. *Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito linguístico*. In: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. M. (Org.). *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-93

PASTORELLI, D.S. *A Crença e a atitude linguística do capanense*. *Línguas e Letras*, v. 12, n. 22, p.13-41, 2011.

RENK, V. E. Nacionalização compulsória das escolas étnicas e resistências, no Governo Vargas. In: VII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 2008, Curitiba. *Anais do VIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. Curitiba: Editora Champagnat/ Fundação Araucária, 2008. v. 1. – PUCPR/UFPR.

ROSSA, R.T. *Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho de Baixo, Irati, Paraná*. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2017.

SENIUK T.; SKAVRONSKI M. *Imigração Ucrainiana e Colonização em Prudentópolis (1895-1945)*. Ateliê de História. UEPG, 2014.

SILVA, C.R. (Org.) *Ensino de português: Demandas teóricas e práticas*. João Pessoa: Ideia, 2007.

SMAHA, E. *Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos em relação à língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis, Paraná*. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2018.

TRUDGIL, P. Sociolinguistics – Language and society. In: *Sociolinguistics: an introduction*. Penguin Books, 2000.

Submissão: 03 de Agosto de 2019.

Aceite: 16 de fevereiro de 2019.